

# NOVO NORMAL: A DICOTOMIA DE OLHARES DA PANDEMIA

*André Lúcio Coelho* (UEMA)  
[andrecoelho@aluno.uema.br](mailto:andrecoelho@aluno.uema.br)  
*Claudia Lúcia Coelho* (UFNT)  
[claudialuciacoelho@gmail.com](mailto:claudialuciacoelho@gmail.com)  
*Davi Pereira Gomes* (UFNT)  
[dvgomesuft@gmail.com](mailto:dvgomesuft@gmail.com)

## RESUMO

Esse trabalho pretende refletir acerca dos processos de mudanças ocorridas no ano de 2020 em função da Pandemia – Covid-19, e as implicações estéticas que vem adquirindo formas e nos espaços sociais – virtuais e na educação Brasileira, construindo conexões bibliográficas que estão inseridas em um contexto da complexidade de uma educação pandêmica influenciando novos olhares, abrindo assim espaço para observar pela percepção do educador e educando e da experiência estética. A identidade cultural como um roteiro para entender, explorar e problematizar a função do educador na perspectiva de Paulo Freire e sua teoria da ação antidualógica e invasão cultural buscando um pensamento crítico que subsidie na formação pedagógica.

### Palavras-chave:

Educação na Pandemia. Identidade Cultural. Pensamento Complexo.

## ABSTRACT

This work intends to reflect on the processes of changes that occurred in the year 2020 due to the Covid-19 – Pandemic, the aesthetic implications that have been acquiring social and virtual forms and spaces in education in Brazil, building bibliographic connections that are inserted in a context of complexity of a pandemic education influencing new perspectives, thus opening space to observe the educator's perception and educating the aesthetic experience. Cultural identity as a guide for understanding, exploring and problematizing the role of the educator from the perspective of Paulo Freire and his theory of antidialogic action and cultural invasion seeking critical thinking that supports pedagogical training.

### Keywords:

Cultural Identity. Education in Pandemic. Complex thinking.

## 1. *Introdução*

A sala virtual é o espaço de interação e aprendizagens que proporciona um maior entendimento das questões relacionadas à comunicação e saúde principalmente neste momento de pandemia do coronavírus

(SARS-CoV-2), que provoca a Covid-19. O desafio desse trabalho é elencar pensamentos acerca de um processo de assimilação estética e crítica da informação, possibilitando alternativas de posicionamento. Segundo a UNESCO (2020), até 25 de março, 165 países já haviam fechado suas escolas por causa da pandemia, interrompendo as aulas presenciais de 1,5 bilhão de estudantes e mudando a rotina de 63 milhões de professores de educação básica. Parte da atribuição do educador é apontar e articular métodos que responda as necessidades da aprendizagem que ajudem na compreensão e na elaboração de estratégias para o enfrentamento da pandemia, em um constante reavaliar dos procedimentos metodológicos e práticos, confrontando com as relações éticas ligadas ao aprofundamento de sua identidade pessoal e comunitária, em sua dimensão virtual e sensorial.

Para compreender a fruição do conteúdo que parece deslocado do contexto, mas que gera dispositivos de internalização do saber através da experiência estética, para tanto, é necessário um olhar abrangente que compreenda a aprendizagem em momento de calamidade conectando saberes e as disciplinas, que através de uma poética da empatia do professor e aluno na curiosidade do conhecimento que visa analisar influências cognitivas que acontece na subjetividade da informação virtual.

## 2. *A estética do novo normal*

A obra de arte é resultado de pesquisa, técnicas, treinos, apresentações, fruição, mas principalmente da personalidade e identidade do artista e seu posicionamento no mundo geopolítico, as atribuições são diversas e ultrapassam o fazer da obra contribuindo com uma leitura do mundo redimindo incertezas. Segundo Freire, a educação em si, é uma obra de arte, porque educar é um processo criador:

Ensinar é, assim, a forma como toma o ato de conhecimento que o (a) professor (a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina, para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do (a) professor (a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender. (FREIRE, 2008, p. 81)

Uma escola construída na curiosidade e na compreensão compartilhada, simplificando entendimentos e regras com clareza dos objetivos apresentados, é um exercício da imaginação como pressuposto para organizar o currículo, que o cenário estranho da quarentena possibilite

espaço para expressão do indivíduo. Ao pensar o ato de ensinar como arte, como ação criadora do professor que é buscar elementos para compor sua aula tornando atrativa e participativa. A prática como uma postura científica sobre a situação pandêmica que possibilite a compreensão das complexidades em transformação no mundo.

O pressuposto é que diante do aumento de ligações e conexões do pensamento absorvido por aproximação ou osmose é capaz de relacionar vínculos com conhecimentos subjetivos que permeia o processo. A padronização estética influenciada pelo mercado limita o censo crítico, negligenciando fases e o contexto sócio cultural e torna o sujeito deslocado influenciando na criatividade e na espontaneidade evidenciando sua identidade fragmentada. Colocando em choque a forma de organizar o pensamento sensível que torna limitante nas possibilidades de conexão de sentido e assimilação.

Não é suficiente, pois, dizer que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte, em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. (SCHILLER, 2002, p. 47)

Para Schiller pensador da Educação estética do homem, propõe que estética deva ser ensinada e que no campo conceitual indica uma nova configuração. A manifestação estética pensada em termos da educação tem um potencial lúdico de atrair e promover mudanças nos participantes da experiência que configura em maior autonomia intelectual, reeducando o olhar, como exercício crítico possibilitando interação com aquilo que é estranho, formando conceitos, ingredientes que estimula a espontaneidade e a percepção de si e do outro construindo o pensamento ético. A estética para Freire se dá como linguagem, como forma da pessoa expressar seu modo de ser no mundo.

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nós fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE 1996, p. 33)

A dimensão relacional em que Freire apresenta sua teoria estética é como manifestação do cotidiano, na comunicação, na forma de ser e ver, e subentende-se o tempo para o diálogo das fases de construção do

discurso, esse tempo-espaço em que o indivíduo formula conceitos, onde configura a experiência estética e deve ser considerada em suas identidades e suas transmutações. As paixões e hábitos que fazem parte do cotidiano no sentido estético, onde a relação construída ultrapassa o espaço-tempo escolar e mistura em termo sócio cultural alcançando dimensões de realidade expandida pelo mundo virtual, portanto, à crítica e os elementos que a compõem necessita ser ensinado e praticado. Essas emoções e práticas relacionam diretamente como impressões de dualidade, criam tendência de valores direcionada para determinado objeto ou manifestação estética, o aprofundamento da literatura sobre a educação estética tem o potencial de fornecer instrumentos teóricos e práticos no desenvolvimento de uma escola criativa desvelando a espontaneidade, a presença e o pensamento crítico e ético.

[...] “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006. p. 7)

Esse deslocamento citado pelo autor impõe valores estéticos em um processo de ruptura e assimilação impactado pela globalização, o cyber mundo controlado pelo mercado capital direciona-se sempre para ideia de consumo, onde as escolhas ou buscas são um jogo de algoritmo firmado no deleite de passar o tempo, a interpretação e comunicação no mundo virtual em seu processo que precisa ser apreendida e problematizada, pois, traz consigo aspectos sutis que não faz parte do repertório comunicacional. Para Giddens (2002, p. 29) “a medida que um meio serve para alterar as relações espaço-temporais não depende fundamentalmente do conteúdo ou das “mensagens” que carrega, mas de sua forma ou reprodutibilidade”. A noção de espaço-tempo nessa atual conjuntura pandêmica apresenta mais claramente essas diferenças e distancias do espaço e do lugar, o distanciamento social como método mais eficaz de controle do vírus corroboram com relativização daquilo que é importante ou prioridade, o que sugere uma postura enquanto indivíduo.

A presença é solicitada em uma nova configuração virtual escancarando uma exclusão tecnológica tanto de equipamentos quanto da utilização de seus aplicativos de leitura e interpretação do mundo. Giddens (2002, p. 31) pontua que uma “característica da experiência transmitida pela mídia nos tempos modernos é a intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana, que é em boa parte organizada em termos da consciência que se tem deles”. Aqui voltamos a Freire (1996, p. 40) alertando que “é o saber da História como possibilidade e não como deter-

minação. O mundo não é. O mundo está sendo.” Essa é a necessidade de aproximação do universo do educando respeitando seu papel de protagonista compreende possibilidades mediadas como subsídio para o currículo.

Edigar Morim pensador da complexidade em seu livro intitulado “A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”, propõe uma reforma do pensar dos indivíduos e das instituições simultaneamente, buscando a compreensão da condição humana como forma de viver o enfrentamento das incertezas e dos problemas ligados a educação problematizando o currículo e sua finalidade.

De acordo com enunciado, todo saber precisa ser revisitado, questionado, isso que Morin tenciona para organização do pensar, para separação dos saberes, toda educação produz conhecimento que elucida questões e resolve problemas, porém, durante o processo ignora saberes ou até mesmo fica cega diante do volume de informação. Considerando todo o emaranhado complexo e os desafios para uma educação cidadã e (re) orientar as práticas e as relações de aprendizagem, repensando o conjunto de interpretação da informação que deve ser revisado e revisitado pelo pensamento que exige uma autonomia teórica e uma liberdade da ação, (...) “ensinar [e pesquisar] não é uma atividade como as outras, porque supõe muitas virtudes, muita generosidade e devoção, mas, sobretudo muito entusiasmo e idealismo (...)” (BOURDIEU, 1985, p. 19). O pensamento sensível diante da complexidade depende da consistência das experiências articuladas e sistematizadas e que pode tornar o espaço-tempo em um laboratório criativo, vivo e acolhedor na capacitação dos professores, do estudante e além do papel primordial da família neste processo. Diante do exposto esse estudo busca fundamentar a importância do diálogo em torno da manifestação estética na educação em momento de uma grande crise pandêmica.

### **3. *Complexus: o que é tecido junto***

*“É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une.*  
(MORIN, 2004, p. 89)

O uso da tecnologia tem transformado a sociedade em sua leitura de mundo, na sua forma acelerada e na qualidade da informação, recha-

çado por notícias falsas ou parciais, a sedução do cyber espaço é cada vez mais dirigida ao indivíduo criando uma sensação de cumplicidade, que necessita de um olhar crítico. O *Smartphone*, conforme sua tradução literal do inglês é telefone inteligente, traz uma fonte inesgotável de informações que são utilizadas para o trabalho e também para o lazer. Essa influência tem alterando a linguagem introduzindo novos métodos de comunicação virtual na web, com sua determinada estética que cabe ao indivíduo em sua navegação eletrônica escolher. Essa aparente escolha infinita e livre, faz com que o espaço virtual inclua dimensões de realidade que se sobrepõe. A pandemia acentuou esses elementos que transformou o ensino remoto implicando em uma grande mudança nos hábitos escolares em seus aspectos éticos, estéticos e políticos, a noção de espaço-tempo e a própria noção de presença, em que momentos uma realidade holográfica.

A calamidade obrigou a uma adaptação ao um novo modelo de ensino, uma novidade que fomos aprendendo a lidar com as tecnologias e suas exigências, ainda estamos buscando desenhar esse novo método, esse agora. O desafio de educar e aprender no virtual em um mundo impactado por uma pandemia solicita uma autonomia do educador e do educando na construção de vínculos de presença, que consiga assimilar conhecimentos práticos e adaptações, em uma sociedade global cada vez mais complexa, multidimensional onde relações, ligações e religações abrangem aspectos individuais e coletivos simultaneamente.

Uma cabeça apta para solução dos problemas emergentes é capaz de ligar saberes, construir significados enquanto autorregula a informação em conhecimento, ancorado na curiosidade e na dúvida, essa rede de entendimento deve ser acomodada no contexto global com referências das práticas locais e regionais e um currículo que considere todas vertentes envolvidas no processo.

Para se ocupar da problemática da educação e do ensino precisamos reconhecer suas limitações assim necessita-se dialogar com pensadores das diversas áreas construindo uma forma de relacionar o mundo e o processo educativo em suas dinâmicas. Nesse sentido, Edgar Morin nos apresenta a educação em complexidade, não resumindo suas interações ou particularidades, mas amplificando suas diferenças e intensificando assim a necessidade de revisitar com olhar crítico a dicotomia entre cultura da humanidade e a cultura científica.

O sentido educativo está ligado ao sentido da vida, que diante da crise recria e apresenta novos modelos e possibilidades de solução, a formação de cabeças bem feitas e ultrapassando a visão restrita do expert que muitas vezes não consegue lidar com a dinâmica problemática apresentada. O obstáculo desafiante para essa reforma do pensamento encontra-se no elo da reciprocidade e autonomia do conhecimento comum e o específico e seu foco de estudo, assim ordenando uma epistemologia sistêmica que privilegie a diversidade disciplinar harmonizando indivíduo, sociedade e natureza. Organizando o conhecimento com isonomia para a contextualização do saber globalizado desenvolvendo suas capacidades para vida social.

O ensino deve também adaptar-se a modernidade criando a própria ideia do que é moderno, observando sua condição cultural e social de forma minuciosa, obedecendo à regra da pesquisa e em outras quebrando regras ultrapassadas. Um olhar auto-organizativo preconizado pela ciência sistêmica percebe sempre as mudanças previsíveis e imprevisíveis repletas de incertezas. O pensamento complexo de Morin, parte das “(...) noções de ordem/desordem/organização, sujeito, autonomia e da autoeco-organização como elementos decorrentes e presentes na complexidade” (PETRAGLIA, 1995, p. 41). O educador tem que está aberto para as transformações no seio social tendo capacidade de possuir um olhar crítico sobre o ensino e aprendizagem. O volume de informação está impondo uma mudança no pensar e faz necessário repensar a função mais profunda da educação, reconsiderar qual reforma exigida e como alcançar um pensamento sistêmico inclusivo que acompanhe as transformações, reconhecendo a particularidade do indivíduo global.

O programa é a determinação *a priori* de uma sequência de ações tendo em vista um objetivo. O programa é eficaz, em condições externas estáveis, que possam ser determinadas com segurança. Mas as menores perturbações nessas condições desregulam a execução do programa e o obrigam a parar. A estratégia, como o programa, é estabelecida tendo em vista um objetivo; vai determinar os desenvolvimentos da ação e escolher um deles em função do que ela conhece sobre um ambiente incerto. (MORIN, 2002, p. 57)

A aprendizagem da incerteza remonta velhos conhecimentos quando a humanidade observava o mundo como uma coisa fixa, em que devemos retomar tais valores como comunidade de destino compreendendo a solidariedade como ser planetário em um mundo em mutação e que a sorte de um é a sorte de todos, percebendo quanto é sensível nossa humanidade e que o conhecimento sempre adquire uma nova fase. As-

sim, o pensamento se reorganiza em situação de crise e na solução coletiva. Então, a reforma do pensamento é um desafio ao pensar a educação e os desenvolvimentos das disciplinas em processo dinâmico e repensar conhecimentos e saberes estruturante de todo o currículo que ajude no enfrentamento da incerteza e resolva o isolamento entre as disciplinas. “A finalidade da ‘cabeça bem-feita’ seria beneficiada por um programa interrogativo que partisse do ser humano” (MORIN, 2002, p. 75). A reforma do pensamento tem como pré-requisito a reforma escolar, mas também a escola depende do pensamento, relacionando concepções dessa realidade confrontando o determinismo e a não linearidade dos processos. Para tanto se faz necessário uma mudança simultânea no modo de pensar e do modo de pensar as escolas que tem o papel de produzir conhecimentos, então cabe aos professores e professoras, gestores e educandos e a sociedade tornando uma variável possível.

#### ***4. Educação na pandemia: desafios, perspectivas e insurgências***

Aprender a solucionar problemas globais e repensar o ensino durante a pandemia é aprender a relacionar formação escolar e a vida social, essa mudança abrupta apresenta vários desafios às escolas como centros de atividade social e interação humana, que quando fecham, muitas crianças e jovens perdem o contato social, que é essencial para o aprendizado e o desenvolvimento, uma nova realidade pandêmica que vivemos a qual precisa ser compreendida suas medidas em relação ao contágio, e cada indivíduo com atitude coletiva como única forma de barrar a disseminação.

O cuidado pessoal e com o outro, a empatia com população mais vulnerável articulando o conhecimento em benefício da vida, construindo coletivamente métodos de apoio econômico e social, acolher em suas diferentes dimensões. Uma grande crise ética surge junto com o vírus, tudo é emergente nesse momento, “quanto mais calamitosos os perigos envolvidos, menor a nossa experiência real do risco que corremos — pois se as coisas “derem errado”, já será tarde demais”. (GIDDENS, 2002, p. 115). Nossas atitudes e posicionamentos não permitem neutralidade, é atributo da educação tomar como análise o conjunto de acontecimentos de forma dinâmica, aqui surge a curiosidade crítica que Freire anuncia, uma curiosidade científica capaz de organizar diante do caos buscando soluções para urgência, assim um olhar minucioso obedecendo



a protocolos e recomendações, a estrutura pandêmica coloca todos em vulnerabilidade e vigilância.

A morte continua a ser o grande fator extrínseco da existência humana; não pode ser trazida enquanto tal para dentro dos sistemas internamente referidos da modernidade. Mas todos os tipos de acontecimentos que levam à morte e os que estão envolvidos no processo de morrer podem ser assim incorporados. A morte torna-se um ponto zero — é nem mais nem menos que o momento em que o controle humano sobre a existência encontra um limite exterior. (GIDDENS, 2002, p. 150)

O sentido da vida nunca esteve tão emergente, o luto planetário é um peso na organização e continuidade de vida. Para Heidegger, a morte é

[...] a “possibilidade mais recôndita” do *Dasein*, uma possibilidade que, revelando-se como uma necessidade, torna “a vida autêntica” uma opção. A finitude é o que nos permite discernir o significado moral em eventos de outra maneira transitórios, o que seria negado a um indivíduo sem horizontes finitos. O “chamado da consciência” que a consciência da finitude traz estimula os homens a perceberem sua “essência temporal como seres-para-a-morte”. O que Heidegger chama de “resolução” é a urgência que se faz sentida como a necessidade de lançar-nos no que a vida tem para oferecer antes que o tempo – para o indivíduo – “se esgote”. Essa visão não é oferecida por Heidegger como uma filosofia moral, mas como uma descrição das realidades da experiência humana. (GIDDENS, 2002, p. 52)

Esse chamado da consciência preconizada ultrapassa o determinismo da vida, servindo essa finitude de trampolim para buscar o tempo de revelação do ser. Um acontecimento da verdade. Esse movimento tridimensional do ser abre para uma perspectiva alternativa de resiliência. A pressão psicológica vivenciada durante *lockdown*, a morte sem tempo para o luto e sem rituais, a presença intensificada pela sobrevivência diante de números de mortos que não param de crescer criando uma noção de prioridade que estava velada passa a surgir um espaço de alto reflexão da humanidade.

## 5. Considerações finais

A reflexão acerca do processo de educação em Pandemia indica vários caminhos para esse momento, o pensamento complexo pode ser roteiro metodológico para considerar os aspectos e interferências das mudanças, das práticas sociais na vida do indivíduo.

Os textos analisados aqui referenciados corroboram com a compreensão da condição humana em suas complexidades, no planejamento de conteúdo, privilegiando a vulnerabilidade das identidades envolvidas considerando a crise sem precedentes que assola o mundo e assim contribui com os processos de superação.

As metodologias de ensino baseadas em experiências e evidências, poderão nos auxiliar, já existe uma vasta literatura acerca da educação associado à computação e as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) preconizada pela BNCC, o pensamento computacional exige codificação da informação, utilizando a cultura digital para buscar soluções coletivas e expressões culturais, sendo também um espaço de denúncia e acolhimento de forma contextualizada e crítica, desta forma, é função do educador apropriar-se de conhecimentos construindo um caminho que sirva ao exercício da profissão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *Le shéritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Minuit, 1985. (Publicado originalmente em francês, 1964).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>Acesso em: 11 de janeiro 2021.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005. (Revogado). Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm#art24). Acesso em: 11 de janeiro 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2002.

GRANDISOLI, Edson; JACOBI, Pedro Roberto; MARCHINI, Silvio. *Pesquisa Educação, Docência e a COVID-19*. Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo. 2020 Disponível em: <http://www.iea.usp.br>

/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/pesquisa-educacao-docencia-e-a-covid-19/viewAcesso em: 11 de janeiro 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. Sulina. Porto Alegre, 2006.

PETRAGLIA, I. C. *Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHILLER, F. *A educação estética do homem*. Trad. de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Outra fonte:

UNESCO. *Webinars on COVID-19 education response* 20 de março de 2020. Disponível em <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/webinars>. Acesso em: 11 de janeiro 2021.